

Traços libertários: As charges de Carlos Latuff sob o ponto de vista da Semiótica¹

Carlos Augusto Martints Pinheiro²
Ingrid Matela Braquehais³
Paulo César Barbosa de Sena Junior⁴
Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE

RESUMO

Este trabalho procura relacionar e discutir diferentes pontos e vertentes da teoria semiótica aplicando-os ao estudo das charges do artista Carlos Latuff, especificamente as que tratam da questão da desapropriação dos grupos indígenas localizados na Aldeia Maracanã – Rio de Janeiro-RJ. Busca-se a partir da análise das charges de Latuff, apresentar uma discussão em torno do uso dos símbolos e o caráter crítico do discurso das charges a partir dos conceitos oriundos da Semiótica.

PALAVRAS-CHAVE

Semiótica; charge; crítica

Introdução

As charges e caricaturas já romperam a dimensão do impresso e atualmente estão presentes nas mais diversas mídias, puxando discussões, conscientizando e servindo de bandeira para diferentes causas. Neste trabalho iremos estudar a obra de um artista que soube utilizar o potencial de rápida repercussão oferecido pela internet para se posicionar criticamente em assuntos que extrapolam as fronteiras espaciais e culturais. A partir da análise das charges de Carlos Latuff, apresentar uma discussão sobre quais formas a semiótica pode ser utilizada na análise das charges e caricaturas e quais são as possibilidades de pesquisa que oferece este tipo de objeto.

Primeiro faremos um breve apanhado sobre como surgiu e se desenvolveu a ciência Semiótica, apontando seus princípios básicos e como podemos aplicá-los ao estudo das charges. Em seguida faremos uma breve apresentação do trabalho e trajetória do chargista Carlos Latuff, levantando informações que nos ajudarão a compreender de que forma o caráter crítico se apresenta no seu trabalho. Na sequência abordaremos a charge como

¹Trabalho apresentado na Divisão Temática de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, da Intercom Júnior – VIII Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante de Graduação 8º. semestre do Curso de Jornalismo da UFC, email: carlitos@ocarlitos.com

³ Estudante de Graduação 8º. semestre do Curso de Jornalismo da UFC, email: guidimb@gmail.com

⁴ Estudante de Graduação 8º. semestre do Curso de Jornalismo da UFC, email: paulocsenajr@gmail.com

objeto de estudo, mostrando sua origem, seu poder de crítica e as suas especificidades enquanto texto e objeto.

Por fim, partiremos para a análise das charges de Latuff relacionadas ao despejo dos grupos indígenas na Aldeia Maracanã. Para isso, partiremos do princípio de análise proposto por RIBEIRO e CORDEIRO que consiste na análise das obras levando em consideração o seu conteúdo temático, o conteúdo referencial da obra, a intenção do autor da charge e o seu referencial descritivo. Essa sistematização é feita para que a análise das charges contemple tanto seus aspectos intrínsecos (conteúdo das charges, seus signos) quanto extrínsecos (contexto no qual ela foi feita, intenção do autor), resultantes do processo interpretação e representação.

2. Discutindo os conceitos da Semiótica

Antes de entrar no universo das charges de Carlos Latuff, discutiremos os princípios básicos da ciência que nos proporciona entender melhor a produção de sentido construída nas imagens do cartunista: a Semiótica.

Apesar de hoje ter se consolidado como uma ciência, a validade da Semiótica foi questionada quando no século XIX, Charles Peirce, seu principal expoente, deu os primeiros passos na sua formação. Santaella (2005), pesquisadora do tema, refere que Peirce era um matemático, físico e astrônomo contumaz, que além de se dedicar as ciências exatas e naturais, também voltou seus estudos para as ciências culturais, como a Linguística, a Filosofia, Filologia e a História. Foi exatamente essa pluralidade de campos que despertou no cientista um interesse por uma Lógica que mostrasse pontos em comum em todas essas áreas e que dissesse respeito ao que havia de semelhante nos processos de construção de seus sentidos, ciência que mais tarde ele denominou de Semiótica.

A semiótica de Peirce tem o objetivo de “classificar e descrever todos os tipos de signo logicamente possíveis” (SANTAELLA, 2005, p. 6). Foi essa ampla abrangência de seu campo que a fez ser questionada como ciência, já que estaria invadindo o território das outras ciências. No entanto, a Semiótica toma apenas as diversas linguagens e constituições de sentido como seu objeto de estudo. “A Semiótica é a ciência que tem por objeto de investigação todas as linguagens possíveis, ou seja, que tem por objetivo o exame dos modos de constituição de todo e qualquer fenômeno de produção de significação e de sentido” (SANTAELLA, 2005, p. 13). Assim, a Semiótica vem estudar o modo como o homem significa o que o rodeia em seu mundo.

A semiótica (do grego *semeîon*, que significa “signo”) é a teoria geral dos signos Nöth (2008). Segundo Peirce, o signo é algo que representa uma coisa para alguém em determinado contexto. Como não é o objeto, pois apenas o representa, o signo só pode representá-lo parcialmente (PEIRCE, 2005, p. 46):

Um signo ou representâmen, é aquilo que, sob certo aspecto ou modo, representa algo para alguém. Dirige-se a alguém, isto é, cria na mente dessa pessoa um signo equivalente, ou talvez um signo mais desenvolvido. Ao signo assim criado denomino interpretante do primeiro signo. O signo representa alguma coisa, seu objeto. Representa esse objeto não em todos os seus aspectos, mas com referência a um tipo de ideia que eu, por vezes, denominei fundamento do representâmen. (PEIRCE, 2005, p. 46)

Tem-se então, o caráter triádico do processo de significação perciano, formado por: 1) signo ou representâmen, que é aquilo que desencadeia o processo de significação; 2) objeto ou referente, aquilo a que o signo se refere; e 3) interpretante, ou seja, a ideia que vem a mente do homem “da qual a causa mediata ou determinante é o signo da qual a causa mediata é o objeto” (PEIRCE, apud SANTAELLA, 2005, p.12).

Para além da divisão em três do próprio processo de significação, Santaella (2005) esclarece que Peirce também dividiu triadicamente as relações dos componentes de significação uns com os outros, interações essas que formam os tipos possíveis de signos existentes no universo. “Foram estabelecidas 10 tricotomias, isto é, 10 divisões triádicas do signo, de cuja combinatória resultam 64 classes de signos e a possibilidade lógica de 59 049 tipos de signos” (SANTAELLA, 2005, p. 13). Nos voltaremos apenas a uma das interações mais estudadas por Peirce: a do signo com o seu objeto, que gera três tipos de signos: o ícone, o índice e o símbolo.

Quando o signo funciona como ícone, aparece como pura qualidade – como, por exemplo, a simples cor laranja em uma pintura – ele não representa nenhum objeto específico, mas está aberto a possibilidade de se relacionar com diversos objetos que os interpretadores venham a imaginar. A cor laranja por si própria não representa nada, mas pode remeter, por exemplo, à fruta laranja, à fruta tangerina, à doença, à energia, dentre muitas outras possibilidades. Desta forma, as qualidades do objeto em si, que são não apenas a cor, mas a luminosidade, a textura, o volume e a forma, têm “condições de ser um substituto de qualquer coisa que a ele se assemelhe” (SANTAELLA, 2005, p. 14).

Se o signo funciona como índice, ele sempre vai indicar uma outra coisa com a qual está conectado – seu objeto – para uma mente interpretadora. Todavia, entre o objeto e

índice há uma relação de conexão física e não de semelhança. São exemplos as pegadas, as impressões digitais e as manchas de sangue, índices de uma investigação criminal, que indicam que alguém esteve no local do crime e deixou suas marcas. Para Santaella (2005), qualquer produto do fazer humano é um índice mais explícito ou menos explícito do modo como foi produzido.

Por fim, quando o signo é classificado como símbolo, ele o é, pois se vincula a uma lei ou convenção cultural que determina que aquele signo está relacionado ao seu objeto. Assim, sem o conhecimento dessa lei pelo interpretante, o processo de significação é interrompido. É o caso das palavras de uma determinada língua, só conhecidas por quem domina este idioma e, portanto, somente para estes funcionam como símbolos. A palavra alemã “honig” pode funcionar como símbolo se alguém conhece a regra da língua germana que convencionou que a junção das letras “h”, “o”, “n”, “i” e “g” e o som que elas provocam formam o vocábulo “mel”, em português. Em resumo

Um signo é um ícone, um índice ou um símbolo. Um ícone é um signo que possui o caráter que o torna significativo, mesmo que seu objeto não existisse, tal como um risco feito a lápis representando uma linha geométrica. Um índice é um signo que de repente perderia seu caráter que o torna um signo se seu objeto fosse removido, mas que não perderia esse caráter se não houvesse interpretante. Tal é, por exemplo, o caso de um molde com um buraco de bala como signo de um tiro, pois sem o tiro não teria havido buraco; porém, nele existe um buraco, quer tenha alguém ou não a capacidade de atribuí-lo a um tiro. Um símbolo é um signo que perderia o caráter que o torna um signo se não houvesse um interpretante. Tal é o caso de qualquer elocução de discurso que significa aquilo que significa apenas por força de compreender-se que possui essa significação (PEIRCE, 2005, p.74):

Como ciência, a Semiótica de Peirce criou conceitos, categorias e indagações que nos permitem investigar as linguagens do campo da Comunicação, descrevendo-as, analisando-as e interpretando-as. Descobrir a maneira como as coisas significam na Comunicação – como é o caso das charges de Latuff – implica em entender o porquê dessas significações, indagação de importante valia para entender melhor a realidade que nos cerca.

Para analisar uma charge, que é uma imagem, levamos em consideração a sua relação com o objeto, ou seja, aquilo a que ela se refere. A imagem pode ser icônica, indexal ou simbólica. “Protótipo da imagem icônica não é a pintura figurativa, mas sim a não-figurativa, a abstrata. Protótipo da imagem indexal são a fotografia e a pintura realista, e protótipo da imagem simbólica é a pintura codificada iconológica ou iconograficamente” (NÖTH, SANTAELLA, 2001, p. 144).

Carlos Latuff: a trajetória do chargista engajado

Carlos Latuff é atualmente um dos nomes mais conhecidos internacionalmente quando se fala de ativismo nos quadrinhos. Em 2006 ele se tornou famoso ao participar de um concurso promovido pela Casa da Caricatura do Irã sobre charges acerca do Holocausto, em resposta às charges publicadas em um jornal Dinamarca satirizando a figura do profeta Maomé. Desde então o artista vê seu trabalho cada vez mais requisitado por grupos que defendem diversas causas, desde a questão agrária e indígena no Brasil até os conflitos envolvendo israelenses e palestinos.

A carreira de Latuff no desenho político começou de maneira despreziosa. Sua carreira como chargista teve início da década de 1990 na imprensa sindical. Em entrevista concedida ao Portal Terra afirmou não ter um envolvimento muito grande com as causas retratadas nas suas charges e que com o tempo ele foi se identificando com alguns pontos de vista e conhecendo diversas causas, como a do movimento zapatista, e passou a desenvolver um extenso trabalho que segundo ele, deveria servir em prol destes grupos e de quem mais simpatizasse com as bandeiras levantadas por ele.

Assim, fazendo uso da internet como principal ferramenta de divulgação e propagação do seu trabalho, Carlos Latuff alcançou o reconhecimento e também a hostilidade de parte da comunidade internacional, sobretudo na questão Israel/Palestina. O artista foi listado como uma das dez personalidades mais antissemitas em 2012 pelo Centro Simon Wiesenthal. ‘Título’ este que foi ironizado pelo artista em uma de suas charges:



Dono de um traço limpo, preciso e próximo ao dos quadrinhos clássicos de super-herói, Carlos Latuff se utiliza de um humor mais irônico e ácido para se posicionar a

respeito de vários acontecimentos e conjunturas políticas ao redor do mundo. No seu perfil na rede social *Facebook*⁵ podemos observar a extensa obra do artista e como ele acabou abordando as principais crises e acontecimentos das últimas décadas. O trabalho de Latuff também pode ser encontrado no seu *blog* pessoal: <http://latuffcartoons.wordpress.com> de onde retiramos a maioria das charges utilizadas neste trabalho.

Charge: seu histórico e suas particularidades como objeto

É comum que em diversas vezes os termos charge e cartum se confundam e muitas vezes apareçam como sinônimos. Entretanto, é preciso fazer uma distinção entre estes dois tipos de humor gráfico para que possamos entender como suas particularidades se manifestam do ponto de vista da formação de signos.

A maioria dos autores estudados neste trabalho utiliza o termo caricatura para designar também as charges, pois o termo é comumente utilizado como denominação genérica de vários tipos de humor gráfico. Entretanto, optamos por fazer distinção entre charge e caricatura, privilegiando o uso da primeira, pois é o termo mais apropriado para denominar o trabalho de Carlos Latuff, que considera a si mesmo com um chargista.

Em termos gerais, podemos definir a caricatura como o retrato cômico de figuras conhecidas, com o propósito ou não de expor o retratado ao ridículo. Nela os traços mais marcantes da fisionomia da pessoa retratada são exagerados para gerar um efeito cômico, potencializando o caráter zombeteiro desse tipo de desenho:

Da mesma forma que a fotografia retrata, a característica básica da caricatura é caracterizar. [...] Mais que isto, a caricatura se encarrega de ressaltar algum gesto, de notar algum traço de fisionomia e unir todos os aspectos inéditos e inesperados da figura humana, como forma de juntar o lado físico ao lado moral, singularizando o ente desenhado. (RIBEIRO et. CORDEIRO, p.4)

Já a charge não precisa necessariamente retratar alguma figura conhecida, o foco deste tipo de desenho é lançar um olhar crítico a acontecimentos específicos, se utilizando do humor para fazer sua crítica.

Há também um outro tipo de humor gráfico, o cartum. Nele as situações retratadas pouco tem a ver com o contexto imediato na qual elas foram produzidas e se preocupam muito mais com o fazer rir do que a crítica em si.

⁵ <https://www.facebook.com/profile.php?id=100004624083260>

A origem tanto da charge como da caricatura remete ao Renascimento, quando a experimentação pela estética do grotesco ganhou força na Europa. O uso político do humor gráfico foi marcante na Inglaterra pós-revolução, no Séc. XVIII. Na França também as charges e caricaturas foram armas de luta ideológica de grupos como os jacobinos, que incentivavam os artistas a produzirem desenhos que ridicularizassem seus adversários políticos.

É inegável a força crítica da charge e a sua capacidade de incomodar aqueles que detêm o poder. No Brasil, o período do Estado Novo e da ditadura militar iniciada em 1964 foram notadamente marcados pela repressão a todo tipo de manifestação política que criticasse o governo, incluindo as manifestações cômicas, nas quais a charge está inserida. Mas não é necessária O próprio chargista Carlos Latuff, cujo trabalho será objeto de estudo deste artigo, diz ter sofrido represálias por uma série de desenhos criticando o governo de Israel e o Sionismo:

Eu já recebi ameaças de morte de um site ligado ao partido *Likud* (Partido do premiê israelense Benjamin Netanyahu). Vez ou outra recebo ameaças de morte por *e-mail*. Vários *blogs* pró-Israel me acusando de ser antissemita, racista, campanhas de difamação na *Wikipédia*. [...] É curioso isso. Mas a charge incomoda muita gente.⁶

É interessante se perguntar os motivos da charge ainda apresentar tal força crítica e incomodar tanta gente. Em linhas gerais podemos colocar a charge como um tipo de texto mais acessível e atrativo do que um artigo ou manifesto, por exemplo. Como texto a charge tem como característica oferecer uma maior rapidez na transmissão de uma mensagem. E ao se utilizar de símbolos que podem ser compreendidos por todos, ela acaba rompendo a barreira da língua escrita, permitindo a sua compreensão por iletrados e por pessoas que não compartilham a mesma língua do autor. Exemplo disso é que as charges de Latuff tiveram ampla adesão nos grupos internacionais que apoiaram a deposição do presidente do Egito Hosni Mubarak, sendo utilizadas inclusive nas manifestações populares contra as arbitrariedades da junta militar que passou a tomar conta do país.

Obviamente há de se fazer uma ressalva sobre essa suposta capacidade de compreensão universal da charge. Na maioria das vezes o significado contido nelas só pode ser compreendido por aqueles que possuem uma compreensão mínima do contexto e personagens retratados na charge e/ou que compartilham de um repertório simbólico

⁶ Trecho de entrevista concedida em 12/08/11 ao Portal de notícias Terra. A entrevista está disponibilizada no endereço eletrônico: <http://noticias.terra.com.br/mundo/disturbios-no-mundo-arabe/charge-incomoda-diz-brasileiro-que-retratou-primavera-arabe,bb285ff516e1b310VgnCLD200000bbcecb0aRCRD.html>

semelhante. Por exemplo, o campo semântico do termo ‘galinha/*chicken*’ pode servir de símbolo tanto da covardia, para os americanos, quanto de promiscuidade, para os brasileiros. Portanto em seu trabalho, Latuff busca utilizar como repertório simbólico signos cujos significados são convencionalmente reconhecidos por todos. Sobre esta convencionalidade escreve BRUYSSSENS:

Sempre que um falante fala, ele escolhe, entre os processos que existem simultaneamente em sua memória, processos que supõe existirem simultaneamente também na memória de seu ouvinte. Este acordo social é precisamente o que se chama convenção. (BRUYSSSENS apud NOTH, SANTAELLA. p. 94)

Análise do Objeto – As charges de Carlos Latuff sobre a remoção dos índios da Aldeia Maracanã

Para entender as intenções do discurso de Latuff ao retratar a situação dos índios da Aldeia Maracanã em suas charges, é preciso, antes de tudo, compreender o contexto a que ele está se referindo.

As charges de Latuff retratam a polêmica em torno da tentativa do Governo do Rio de Janeiro de remover o grupo indígena que ocupava o antigo Museu do Índio. O prédio, construído em 1862, fica ao lado do estádio Maracanã e estava lá bem antes de sua construção. Desde 2006, 60 índios de 17 tribos passaram a ocupar o terreno e chegaram a construir pequenas casas e até uma oca, onde procuram manter as tradições. Como parte das obras de mobilidade urbana para a Copa do Mundo de 2014, o Governo julgou necessária a demolição do prédio que abrigava o Museu do Índio, para a construção de um estacionamento anexo ao estádio Maracanã. Para isso, conseguiu derrubar uma liminar que impedia a demolição do prédio. Segundo a defensoria pública, a ação contraria a lei municipal, que proíbe a demolição de edificações construídas até o ano de 1937.

No dia 12 de Janeiro de 2013, homens do Batalhão de Choque ocuparam as imediações do Museu do Índio, para realizar a desocupação. Em resposta à ação do Governo, os índios fizeram uma manifestação em frente ao local, contando inclusive com o apoio popular. Armados com arcos e flechas, os índios prometeram resistir. Organizações da sociedade civil, artistas e políticos aderiram à causa e também passaram a apoiar os índios da Aldeia Maracanã, resultando em um abaixo assinado com mais de 10 mil assinaturas.

No último dia 26 de Janeiro, a Justiça concedeu uma medida cautelar que impedia a demolição do prédio. No dia 28, o governador Sérgio Cabral decidiu, por fim, não mais demolir o Museu, porém ainda quer que os “invasores” deixem o local. Os índios, porém,

afirmam que não pretendem deixar o local sem garantias de que terão ali um centro de referência indígena.

O Símbolo

Na definição de Peirce, “um símbolo é um signo que se refere ao objeto que denota, em virtude de uma lei, normalmente uma associação de ideias gerais” (Peirce, apud. NÖTH, 1995, p. 83). O símbolo aponta para algo que está ausente, representando-o, mas não é capaz de apreender todas as possibilidades daquilo a que faz referência. Isso acontece porque, segundo Peirce, o símbolo constrói uma relação com seu objeto por meio de uma ideia na mente do intérprete.

O símbolo não é capaz de identificar a coisa em si a que se refere. Porém, nos faz capaz de imaginar tais coisas, associando a elas a palavra. Ele está associado ao seu objeto por uma simples convenção. As ideias presentes no símbolo e em seu objeto se relacionam a ponto de fazer com que o símbolo seja interpretado como se referindo àquele objeto, isto é, fazendo com que o símbolo represente algo que é diferente dele. Assim, o símbolo se relaciona com seu objeto devido a uma ideia presente na mente do usuário, através de um simples processo associativo. O símbolo em si não mostra sobre o que está falando, pois não possui existência concreta.

As charges nada mais são que imagens que, por sua vez, são textos visuais. Dentro deste modelo textual, o símbolo é a ferramenta utilizada pelo autor para atribuir sentido ao texto não-verbal. Ao longo das três charges que serão apresentadas a seguir, o autor procura evidenciar a oposição existente entre vítima e opressor, além de se apropriar do discurso da história da colonização do Brasil, a fim de criar uma analogia entre a situação vivida pelos povos indígenas há seis séculos, quando da chegada do colonizador, e a que encontramos hoje. As imagens serão analisadas a partir da ordem cronológica do desenrolar dos fatos.

As charges

Charge 1:



A primeira charge publicada por Latuff, após o cerco policial ao Museu do Índio, no dia 12 de janeiro de 2013, foi postada no blog do chargista com a chamada: "Seja Pedro Álvares ou Sérgio, para os indígenas Cabral é sobrenome de colonizador". Na charge, Latuff utiliza a imagem do índio, a imagem de um policial identificado como Cabral e o título "513 anos de despejos", nas cores amarelo, verde e azul.

O autor da charge apropria-se, principalmente, de três simbologias: o índio como vítima do "sistema", a imagem policial opressora, e as cores da bandeira do Brasil. É importante destacar que só é possível compreender os símbolos a que o autor faz referência, a partir de um repertório sócio-histórico-cultural que antecede a simbologia adotada pelo autor. Dessa forma, para compreender a imagem, o leitor precisa ter um conhecimento prévio sobre a história do "descobrimento" do Brasil e saber que o líder da expedição chamava-se Pedro Álvares Cabral. E que a chegada desse explorador ao território brasileiro deu início a uma série de conflitos entre as tribos indígenas, que aqui se encontravam, e o homem branco "invasor".

Atualmente, o índio tornou-se símbolo da desapropriação de terra. A partir da imagem, apreende-se que, mesmo após 513 anos, desde a chegada de Pedro Álvares Cabral, os mesmos indígenas ainda enfrentam forças opostas. Para fazer a referência entre o "problema antigo" e o "problema atual", Latuff opõe ao índio a imagem do policial, em vez de a imagem do colonizador.

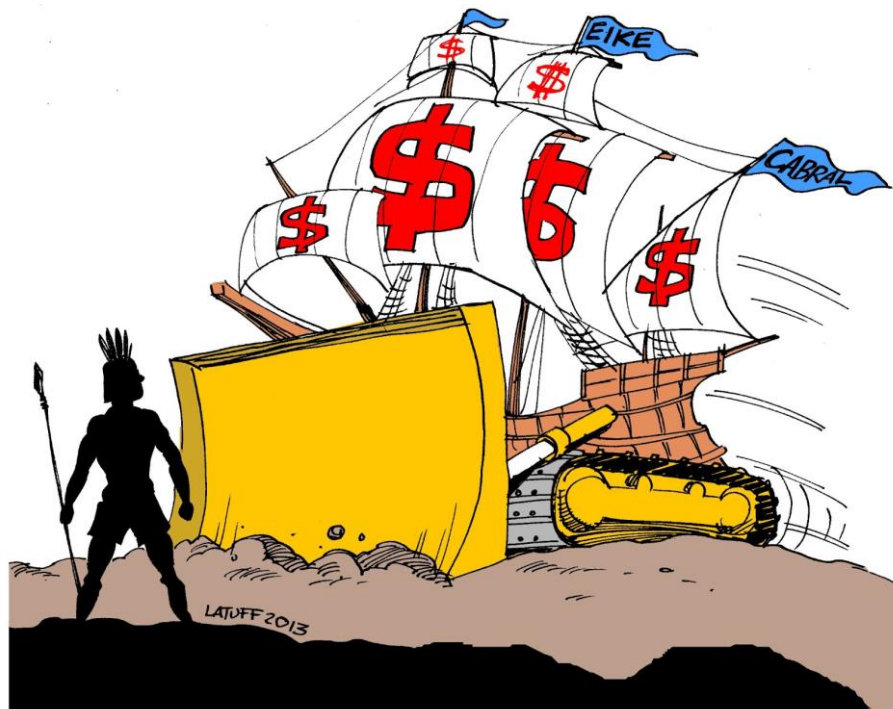
O autor Luiz Eduardo Soares afirma em seu livro "Meu Casaco de General: 500 dias no front da segurança pública do Rio de Janeiro", que as polícias acabaram por se tornar instrumentos da opressão social. Na charge de Latuff, essa imagem é apresentada ao leitor e

reforçada pela denominação "Cabral", que remete tanto ao colonizador quanto ao governador do Rio de Janeiro.

Outro destaque na charge de Latuff é a vestimenta utilizada pelos opostos. O policial é representado completamente aparatado para a disputa, com capacete e colete, por exemplo, enquanto o índio mantém a tradição de usar um cocar na cabeça e praticamente nenhuma roupa ao corpo. A partir da utilização das informações do noticiário, o policial pode representar o governador Sérgio Cabral e o aparato financeiro e judicial envolvidos na ação de demolição do Museu do Índio, enquanto que as vítimas entram na disputa apenas com "o próprio corpo", as próprias armas, sem reforços externos.

No entanto, apesar da diferença de aparato, Latuff representa o índio e o policial com estatura semelhante e inclinação da cabeça indicando a mesma coragem para enfrentar a luta.

Charge 2:



Nos dias que se seguem ao cerco policial ao Museu do Índio, Latuff mantém a criação de charges sobre o assunto. No dia 15 de janeiro, ele posta no blog que mantém a relação entre o índio e o colonizador, com o título "A moderna caravela de @EikeBatista e @SegioCabralRJ".

Na charge, vê-se em destaque a base de um trator com uma caravela em cima e a sombra do índio no sentido oposto. Dessa vez, Latuff apropria-se da suposta relação entre os interesses do governador Sérgio Cabral e do bilionário empresário brasileiro Eike Batista. Nos séculos XV e XVI, na época conhecida como a "Era dos Descobrimentos" as caravelas eram custeadas por pessoas que tinham bastante dinheiro e interesses nos lucros que o mercado de especiarias das Américas podia oferecer.

A partir disso, o chargista mantém a analogia entre a colonização do índio e a desapropriação das terras a partir do século XV e o conflito atual no Rio de Janeiro. A relação de Eike Batista na narrativa é simbolizada pela suntuosidade das caravelas, marcadas com o símbolo do dinheiro "\$" e os nomes "Eike" e "Cabral". Se na colonização as caravelas chegavam a partir da água dos oceanos, na imagem de Latuff ela chega sobre um trator que arrasta a terra. O trator, por sua vez, é símbolo daquilo que é capaz de destruir.

Diante da imagem opressora do "trator-caravela", o chargista mostra a sombra do índio em posição de guarda diante da chegada da máquina de destruição. Novamente, o índio é representado com pouco aparato de guerra diante do poder do opositor. Ainda assim, é representado com o corpo rígido de quem aparenta disposição para enfrentar o inimigo.

Charge 3:



A última charge escolhida para análise foi publicada no dia 22 de janeiro. Na data, a reação dos indígenas da chamada Aldeia Maracanã ganhava força com o apoio de artistas e de representantes sociais. Na imagem, o índio, antes representado em igualdade de coragem com o policial, e como inferior, porém disposto a lutar, em relação ao poder financeiro, agora é retratado maior do que o opressor, simbolizado pelo governador Sérgio Cabral sobre um trator.

Percebe-se que, diferentemente da charge anterior, o trator do governador é menos imponente e não conta com o reforço das "caravelas". Com base no noticiário, a grandiosidade do índio em oposição à insistência, apesar de fraca, do governador em manter a tentativa de despejo, representa a resistência dos indígenas diante das ações do Poder Público, reforçadas pela frase dita pelo índio: "Aldeia Maracanã resiste".

Após o cerco policial, que ganhou destaque na imprensa, o apoio à comunidade indígena foi reforçado, de forma que o índio ganhou força diante da imagem do governador.

Considerações finais

Estudar as charges e caricaturas sob o ponto de vista da Semiótica oferece ao pesquisador uma rica gama de possibilidades de abordagem, uma vez que a charge, do ponto de vista da semiótica, é um dos textos que mais claramente se utiliza do aspecto conotativo dos signos.

O caráter simbólico e sincrético inerente à charge, torna mais interessante o olhar lançado à análise desse tipo de texto, pois a construção do seu sentido se dá de forma em que ao emissor (chargista) está posto o desafio de unir o verbal e o pictórico e, a partir do jogo de apropriação e construção e de símbolos, gerar no leitor uma melhor compreensão do contexto ao qual a obra se refere.

Na charge, a partir de poucos traços e elementos, todo um contexto social, situação e acontecimento chegam a público para apresentar um fato, conscientizar, expressar a opinião de um grupo ou indivíduo. Esse é o caso das charges de Carlos Latuff, que com apenas papel e tinta (e a ajuda da internet) consegue dar voz a grupos que não possuem acesso aos grandes meios de comunicação, incentivando e dando apoio às suas lutas.

FONTES:

“CHARGE INCOMODA” DIZ BRASILEIRO QUE RETRATOU A PRIMAVERA ÁRABE. Disponível em <http://bit.ly/WPC5z3>. Acesso em: 28/03/2013

HOMENS DO BATALHÃO DE CHOQUE CERCAM A ALDEIA MARACANÃ. Disponível em: <http://bit.ly/XhZAJF>. Acesso em: 03/02/2013.

GOVERNO ESTADUAL DESISTE DE DEMOLIR, MAS NÃO QUER ÍNDIOS NA ALDEIA MARACANÃ. Disponível em: <http://bit.ly/VDWkF7>. Acesso em: 03/02/2013

BIBLIOGRAFIA:

MOUCO, Maria aparecida Tavares. Leitura, análise e interpretação de charges com fundamentos na teoria semiótica. Disponível em <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1104-4.pdf>, acesso em 28.01.2013.

NÖTH, Winfred. Panorama da semiótica: de Platão a Peirce. 4.ed. São Paulo: Annablume, 2008.
PEIRCE, Charles Sandres, 1839-1914. Semiótica. [tradução José Teixeira Coelho Neto]. São Paulo, Perspectiva, 2005.

RIBEIRO, Rita de Cássia Souza; CORDEIRO, Rosa Inês de Novais. A caricatura na perspectiva da representação documentária. . Disponível em <http://www.enancib.ppgci.ufba.br/artigos/GT2--065.pdf> acesso em 28.01.2013.

RIBEIRO, Emílio Soares. Um estudo sobre o símbolo, com base na semiótica de Peirce. *Estudos Semióticos*. i. Volume 6, Número 1, São Paulo, junho de 2010, p. 46–53. Acesso em “03/02/2013”.

SANTAELLA, Lucia. *O que é Semiótica*. São Paulo: Brasiliense (Coleção primeiros passos), 2005.

SANTAELLA, Lucia. NÖTH, Winfred. *Comunicação e semiótica* – São Paulo: Hacker editores, 2004.

_____ *Imagem: Cognição, semiótica, mídia*. 3. ed. São Paulo: Iluminuras, 2001.